

# Amato Lusitano na cultura científica do seu tempo: cruzamentos com Vesálio e Orta

## *Amato Lusitano in the scientific culture of his time: crossings with Vesalius and Orta*

ISILDA RODRIGUES

Universidade de Trás-os-Montes Alto Douro e Universidade do Porto | Portugal

CARLOS FIOLEAIS

Universidade de Coimbra | Portugal

**RESUMO** Apresentamos o médico judeu português Amato Lusitano (1511-1568) no quadro da cultura científica do seu tempo, referindo em particular a relação da sua obra com a do médico belga André Vesálio (1514-1564), considerado o fundador da medicina moderna. Apontamos também as citações que outro médico judeu português da mesma época, Garcia da Orta (1500-1568), fez a Amato e a Vesálio.

**Palavras-chave** Amato Lusitano – André Vesálio – Garcia da Orta – Renascimento.

**ABSTRACT** We present the Portuguese Jewish medical doctor Amato Lusitano (1511-1568) in the framework of the scientific culture of his time, pointing out in particular the relation of his work with that of the Belgian physician Andreas Vesalius (1514-1564), considered the founder of modern medicine. We also refer to the citations made by another contemporary Portuguese Jewish physician, Garcia da Orta (1500-1568), to Amato and Vesalius.

**Keywords** Amato Lusitano – Andreas Vesalius – Garcia da Orta – Renaissance.

## Introdução

Nos séculos XV e XVI, graças a diversos fatores sociais, económicos, políticos, a cultura europeia sofreu uma profunda transformação. Este despertar da Europa para novas ideias e valores caracterizou-se por uma grande renovação intelectual, bem patente na progressiva compreensão empírica do mundo e do homem, que conduziu necessariamente a novas conceções do Universo e da vida humana. Se se quer arbitrar uma data para uma mudança que foi gradual, pode apontar-se o ano de 1543, quando foi publicado, na cidade suíça de Basileia, pelo editor Johannes Oporinus, o livro maior do médico belga Andreas Vesalius ou André Vesálio (1514-1564), *De Humani Corporis Fabrica, libri septem*<sup>1</sup>, que é hoje visto como uma obra seminal da ciência moderna<sup>2</sup> por ter apresentado numerosas figurações do corpo humano baseadas em dissecações cuidadosas e ter contestado numerosas afirmações de Galeno (note-se que, em 2014, passaram 500 anos do nascimento de Vesálio). Nesta época de grande turbulência intelectual, alguns dos progressos da Medicina, da Botânica e da Farmacologia (as duas últimas disciplinas então estreitamente relacionadas com a primeira) foram

proporcionados por portugueses. Entre eles merece particular destaque o médico João Rodrigues de Castelo Branco (1511-1568), mais conhecido por Amato Lusitano, que no ano de 1534 abandonou a sua terra natal, decerto por ser judeu, para não mais regressar. Adotando a postura dos grandes intelectuais da sua época, Amato procurou conhecer em profundidade as obras dos autores clássicos consagrados (seguiu Galeno e comentou Dioscórides), enquanto vivia a revolução anatómica do seu tempo. Acompanhou de perto as realizações dos maiores dos seus contemporâneos: em particular, admirou mas, ao mesmo tempo, contestou Vesálio. Conheceu os novos espécimes naturais de interesse para a saúde humana que chegavam à Europa, através do porto de Lisboa, das paragens remotas do Oriente<sup>3</sup>.

Até finais do século XIX ignorava-se quase por completo a vida e obra de Amato Lusitano. O pouco que sobre ela se escrevia estava repleto de imprecisões e até devaneios. Hoje, felizmente, já se sabe bastante sobre a vida deste médico renascentista, designadamente a partir dos seus próprios escritos, que entretanto foram quase na sua totalidade vertidos do latim para português. No entanto, muita discussão se pode ainda fazer sobre a sua obra. Neste artigo, esboçamos a sua biografia, centrando-a na sua carreira profissional e nas relações com os outros médicos que com ele de uma forma ou de outra se cruzaram. Propomo-nos enquadrar o médico português na cultura de uma época em profunda mutação, acentuando as citações que fez de Vesálio assim como, reciprocamente, chamando a atenção para a única citação que Vesálio deixou de Amato. Apresentamos também, por se revelar útil neste contexto, as citações que outro notável cientista português Garcia da Orta (1500-1568), contemporâneo de Amato, médico judeu como ele e expatriado no mesmo ano, não para a Europa mas para a Índia, fez tanto de Amato como de Vesálio. O recíproco não aconteceu, isto é, nem Amato nem Vesálio citaram Orta, que exerceu a sua actividade durante longos anos na Índia, onde veio a falecer, sendo vítima de um, hoje para nós muito estranho, auto-de-fé *post-mortem*.

## Amato e a sua peregrinação pela Europa

80

Nascido na cidade de Castelo Branco, no interior profundo de Portugal, Amato Lusitano estudou Medicina na Universidade de Salamanca de 1528 a 1532. Após a conclusão do curso regressou a Portugal para, de seguida, iniciar uma longa peregrinação que o levou primeiro ao Norte e depois ao Sul da Europa. A sua dedicação à profissão médica, mas também a sua afeição de novos conhecimentos, conduziram-no a uma deambulação que durou toda a sua vida por terras que são hoje de Portugal, Espanha, França, Bélgica, Itália e Turquia.

O exílio, suscitado pelo receio de perseguições religiosas (a Inquisição haveria de ser instituída em Portugal, em 1536, por ordem do rei D. João III), foi suavizado pelo facto de dominar oito línguas, incluindo o português, o castelhano, o latim, o grego, o árabe e o hebraico, poliglotismo que lhe permitiu o acesso e o convívio com pessoas muito cultas em diferentes regiões da Europa.

Ainda que não sejam abundantes os dados sobre a sua formação escolar, podemos deduzir que terá sido um escolar brilhante na Universidade de Salamanca. Pelas referências que faz, na sua obra *Index Dioscoridis*<sup>4</sup>, concluímos que estudou nessa altura várias plantas com potencialidades medicinais<sup>5</sup>. Pelos comentários que deixou na sua obra de mais ampla divulgação, as *Centúrias*<sup>6</sup>, saídas em sete parcelas, ficamos a saber que era, nos tempos universitários, assíduo na leitura de Gentile da Foligno (?-1348), um comentador de Avicena que estudou nas Universidades de Pádua e Bolonha<sup>7</sup>.

Da sua estada em Salamanca deixou-nos referências a mestres e colegas. Terão sido seus professores António de Nebrija<sup>8</sup> (1441-1522), Fernando Nunes (1475-1553), também chamado Pinciano<sup>9</sup>, o poeta e humanista Giovanni Pontano<sup>10</sup> (1426-1503), e Lorenzo Alderete<sup>11</sup> (?-?), que Amato recorda nas *Centúrias*. Quanto aos seus colegas de estudo, são indicados, entre outros, os nomes de Luís Nunes (?-1553), João Aguilera (?-?), e André Laguna (1499-1559). Estes seus colegas tornaram-se profissionais de méritos bem reconhecidos, a avaliar pela relevância social de alguns dos doentes que trataram: Luis Nunes foi médico de Catarina de Médicis, João Aguilera dos Papas Paulo III e Júlio III e André Laguna da corte de Carlos V e também do Papa Júlio III<sup>12</sup>.

Concluídos os estudos universitários, Amato regressou a Castelo Branco, onde, no entanto, permaneceu pouco tempo. Menciona, nas *Centúrias*, várias localidades por onde passou, incluindo Évora, onde viveu o médico francês Pierre Brissot (1478-1522), de que Amato guardou grata memória<sup>13</sup>. Informa-nos ainda que residiu em Santarém, de onde era natural Luís Nunes, com quem regressou de Salamanca a Portugal. Anota ainda o contacto com os médicos Leonardo Nunes (1490-1554), físico do reino a partir de 1554<sup>14</sup>, e António Luís (?-1565), o autor de *De occultis proprietatibus libri quinque...*, publicado em Lisboa, em 1540<sup>15</sup>.

Após ter deixado definitivamente a sua terra natal, em 1534, iniciou, começando com uma estada de sete anos em Antuérpia, na Bélgica, uma longo périplo pela Europa. Ao mesmo tempo que exercia Medicina, procurou realizar alguns trabalhos de investigação científica. É de crer que muitas das plantas exóticas que estudou e usou clinicamente fossem provenientes da Feitoria Portuguesa da Flandres, cuja frequência lhe possibilitou, desde cedo, a aquisição de vastos conhecimentos práticos de botânica. Publicou, nesta cidade, em 1536 a sua primeira obra, o já mencionado *Index Dioscorides*<sup>16</sup>. Esta é a única obra em que Amato usa o seu nome próprio, João Rodrigues, a que acrescentou “de Castelo Branco” como referência à sua terra natal.

Entre as inúmeras pessoas com quem travou relações em Antuérpia, constam os humanistas Erasmo de Roterdão (1584-1653)<sup>17</sup>, Conradum Goclenius<sup>18</sup> (1485-1539), e Juan Luis Vives (1493-1540), que foi preceptor da princesa Maria de Inglaterra. A companhia mais assídua de Amato parece ter sido, porém, a do seu amigo Luís Nunes, com quem trocava amiúde impressões sobre diversos assuntos. Refere ainda o contacto com vários negociantes judeus de origem portuguesa, entre os quais sobressai Diogo Mendes.

Em 1541, deixou a grande metrópole do comércio da Flandres e dirigiu-se para Sul, tendo-se fixado na corte ducal de Ferrara, Itália, muito provavelmente atraído pelas promessas de Hércules II d’Este (duque de Ferrara), que permitia a prática da religião judaica nos seus domínios. Nesta cidade, não longe de Pádua, onde Vesálio então pontificava, e que brilhava tanto nas ciências como nas letras e nas artes, ascendeu ao lugar mais alto a que um médico podia aspirar: o de professor universitário da sua disciplina<sup>19</sup>. É possível que Amato tenha sido, em Ferrara, médico da corte, já que faz referência a uma doença de que sofria Diana d’Este, uma parente de Hércules II<sup>20</sup>. Refere também vários contactos com clínicos de grande nomeada, que trabalharam nessa cidade, incluindo Girolamo Savoranola (1452-1498), Nicolaus Leonicensis (1428-1524) e Nicolás Monardes (1493-1588)<sup>21</sup>. Foi neste período que Amato estudou as propriedades dos “simples”<sup>22</sup>, contando para o efeito com a colaboração do eminente anatómico italiano Gabriel Fallopio (1523-1562), que ensinava botânica médica em Ferrara<sup>23</sup>.

António Musa Brasavola (1500-1555) e Giambattista Canano (1515-1579) foram outros dois médicos de Ferrara com quem Amato estabeleceu relações de amizade. O primeiro, discípulo de Leonicensis e de Monardes, foi médico de vários notáveis, como Carlos V, Henrique VIII, e os Papas Paulo III, Leão X e Clemente VII. Por sua vez, Canano era um exímio anatomista, muito considerado por Amato que o tomou como assistente. Foi na presença de Canano e com a sua ajuda que, perante uma assembleia de médicos, Amato efetuou em 1551, em Ferrara, a dissecação de doze corpos humanos e animais, nos quais encontrou, na abertura da veia ázigo<sup>24</sup>, na veia cava, válvulas que impediam o retrocesso do sangue. Desenvolveu o seguinte procedimento clínico: cortou a veia cava na parte superior e soprou para a inferior usando uma cânula. Notou que toda esta parte se entumescia, assim como a ázigo, não sucedendo o mesmo quando esta última era cortada e se soprava antes por ela<sup>25</sup>. Durante algum tempo esta descoberta foi atribuída a Canano, provavelmente devido a uma interpretação errada do texto latino de Amato, onde se lê que Canano, “o anatómico distinto, achando-se presente na assembleia de sábios, viu também as válvulas”. Mais tarde e, por alguns autores ainda hoje, ela é atribuída ao italiano Fabrício d’Acquapendente (1537-1619), uma vez que vários médicos famosos não confirmaram, nas suas observações, a existência, reclamada por Amato e Canano, dessas válvulas. Entre esses autores está o próprio Vesálio, que, ao contrário de outros, não dicularizou a descoberta.

Amato publicou a primeira das suas *Centúrias Mediciniais*, no original latino *Curationem Medicinalium centuriae septem*, a 1 de Dezembro de 1549, quando já exercia medicina em Ancona, uma cidade comercial então pujante na costa italiana do Adriático, cujo desenvolvimento parece ter estado estreitamente associado à presença de uma comunidade judaica.

Pouco depois de se encontrar em Ancona, Amato viajou até Veneza, onde residiu brevemente<sup>26</sup>. Nesta cidade, estabeleceu contacto com médicos a quem reconheceu enorme competência, entre os quais assinala Baptista Montano (1498-1551), Victor Trincavelle (1496-1568), Bartolomeu Labioso (?-?) e Orsato<sup>27</sup> (?-?). Dos dois primeiros, sabe-se que foram professores na Universidade de Pádua e que deixaram obras médicas de referência. Dos dois últimos pouco se sabe.

Depois desta incursão no Norte de Itália, Amato voltou a fixar-se em Ancona, estabelecendo relações pessoais que se vieram a revelar proveitosas. Tinha a seu favor a proteção de dois nobres, João e Benedicto Gôndola, e também a de Jacoba del Monte, irmã do Papa Júlio III<sup>28</sup>, a quem mais tarde assistiu como médico. O sobrinho desta senhora era o governador de Ancona, Vicente de Nobilibus, de quem Amato mereceu aceitação e estima<sup>29</sup>. Foi em 1550 que Amato foi chamado a Roma para tratar o Papa Júlio III, talvez em resultado do conhecimento pessoal que tinha da irmã do pontífice. Encontrou, junto da cama do papa, o seu condiscípulo de Salamanca André Laguna, que Amato muito estimava<sup>30</sup>. Além de Júlio III, Amato e Laguna trataram em conjunto, durante a sua estadia em Roma, outros doentes, como o fidalgo português António Correia, que sofria de violenta hemorragia nasal<sup>31</sup>.

Amato residiu em Roma até finais de 1551. De seguida dirigiu-se a Florença, onde conheceu Cosme de Médicis, a quem dedicou a I *Centúria* das Curas Mediciniais<sup>32</sup>. Em 1552<sup>33</sup>, possivelmente por razões de segurança, regressou a Ancona, que então pertencia ao território papal<sup>34</sup>. Após o falecimento, em 1555, do Papa Júlio III, cujo pontificado se caracterizou por um tratamento favorável à comunidade judaica em Itália, o conclave escolheu Paulo IV. Vários decretos foram imediatamente promulgados contra os judeus, que se viram expropriados das suas terras e domínios. Aos médicos judeus foi interdito tratar cristãos, tendo-se criado *ghettos*. Numerosos judeus sofreram então a prisão e a tortura<sup>35</sup>. Há registo de que, numa só noite, em Ancona, 23 marranos foram sumariamente executados<sup>36</sup>. Acenderam-se fogueiras após autos-de-fé, queimando livros e pessoas<sup>37</sup>.

Ao saber da chegada dos emissários do novo pontífice, Amato partiu para a cidade de Pesaro. Na retirada, perdeu todos os seus haveres, incluindo a sua considerável biblioteca pessoal, facto que muito lamentaria, bem como dois importantes manuscritos, a V *Centúria* e *Comentários sobre o livro de Avicena*. Amato só permaneceu em Pesaro durante alguns meses, já que, em Agosto de 1556, passou a ocupar um cargo em Ragusa (hoje Dubrovnik, na Croácia). A principal razão que levou Amato a procurar Ragusa deve ter sido a sua própria segurança. O médico judeu sabia que aí poderia trabalhar ao abrigo de perseguições, por se tratar de uma república protegida pelos sultões otomanos.

Amato tentou insistentemente obter, na prática, o cargo de médico municipal em Ragusa para o qual fora nomeado em 1558. No entanto, uma série de obstáculos, não sabemos ao certo de que natureza, impediu que assumisse o lugar. Alguns autores alegam que estes obstáculos poderiam ter vindo da Igreja, relacionando-se com o facto de Amato não ter autorização do arcebispo para o exercício da clínica. O mais provável é, porém, que os adversários de Amato não fossem nem representantes do clero nem da burguesia, mas sim colegas invejosos, que conseguiram que o cargo lhe fosse retirado, apesar de ele ter recebido um salário adiantado<sup>38</sup>.

Foi durante a sua estadia em Ragusa que Amato protagonizou um grave desentendimento com o médico e botânico italiano Pietro Mattioli (1501-1577). Amato teceu, na sua obra, alguns comentários dirigidos explicitamente a Mattioli, apontando-lhe erros que, na sua opinião, eram crassos. Por esta altura Mattioli publicou a *Apologia adversus Amatum*, onde critica frontalmente Amato e até o ofende pessoalmente com diversos impropérios.

Em Maio de 1559 Amato desistiu de encontrar a paz em Ragusa, dirigindo-se para Salónica, no Império Turco, hoje Tessalónica na Grécia. Aqui exerceu ativamente a clínica até à sua morte, devida a um surto de peste, ocorrida em 21 de Janeiro de 1568. Crê-se que foi físico-mor do Grão-Turco, em Constantinopla. O historiador de ciência israelista Joshua Leibowitz<sup>39</sup> refere que, se Amato acaso se tivesse entretanto convertido ao cristianismo, teria voltado a abraçar o judaísmo ao fixar-se em Salónica. Este regresso às origens foi certamente potenciado pelo meio intelectual que Amato aí encontrou, muito diferente das outras cidades por onde tinha passado. Com efeito, residiam aí numerosos médicos, filósofos, e outros estudiosos, em boa parte judeus. A comunidade judaica de Salónica formava um notável centro de filosofia, de religião e, pode-se mesmo dizer, de misticismo. Esta atmosfera terá influenciado tanto a prática médica como a atitude intelectual de Amato – que, nunca perdendo o seu hábito diligente de escritor, encerrou aqui

a sua obra médica com a publicação, pouco antes de falecer, da sétima e última *Centúria*<sup>40</sup>. As *Centúrias* haveriam de conhecer várias reedições e traduções, tendo sido coligidas postumamente num único volume publicado pela primeira vez, em 1580, em León<sup>41</sup>.

## Referências de Amato a Vesálio e de Vesálio a Amato

Amato conviveu, como dissemos, com numerosas personalidades da sua época, entre as quais possivelmente André Vesálio, o médico belga considerado fundador da medicina moderna.

Sobre a relação entre Amato e Vesálio é relevante o seguinte episódio que se passou entre o primeiro e o irmão do segundo. Quando se ocupava do ensino da Anatomia em Ferrara, em 1547, Amato realizou uma das suas mais notáveis descobertas terapêuticas, a técnica de evacuação de pus, coletado na cavidade torácica, nos casos de inflamação da pleura<sup>42</sup>. Mandou então que o irmão de Vesálio, Francisco, que era seu aluno e mais tarde haveria de ser professor na mesma Universidade (portanto, seu colega), executasse a experiência. Foi assim que se verificou que a perfuração, a nível do segundo e o terceiro espaço intercostais, não ocasionava lesão do diafragma. Amato refere que Vesálio executou a mesma operação em 1547, não conseguindo porém drenar o pus, mas apenas o sangue, facto que originou o óbito do doente<sup>43</sup>.

Amato, apesar de ter elogiado Vesálio, em vários passos dos seus escritos (designadamente nas primeiras quatro *Centúrias*), não se coibiu de afirmar as suas grandes divergências em relação a ele nalgumas questões médicas, chegando mesmo a censurá-lo num tom bastante áspero, como mostram os três excertos seguintes.

Amato escreve que Vesálio afirmou que a matéria da pleurite será atraída e evacuada se o sangue for retirado do braço direito, uma vez que a veia basílica do braço direito se liga mais diretamente à veia sem par do que a veia basílica do lado esquerdo: "Este é o raciocínio de Vesálio<sup>44</sup>. É bom saber-se que o raciocínio de Vesálio peca totalmente"<sup>45</sup>.

Num outro comentário sobre Vesálio Amato refere-se à planta, conhecida, na altura, por raiz da China (a *Smilax ferox*, ou raiz da China, é uma planta trazida do Oriente pelos portugueses, à qual eram atribuídas propriedades de cura da sífilis)<sup>46</sup>:

*Sobre ela me agrada falar aqui, tanto mais que André Vesálio, há poucos dias, publicou um livrinho a que pôs o título "Da raiz dos chinas"(De radice chinaram), no qual nada se encontra, além do título, que diga respeito à raiz da China. Com efeito, todo o livrinho é de anatomia<sup>47</sup>.*

E remata afirmando que, para entender o dito livrinho, é necessário o "charadista Édipo"<sup>48</sup>. Noutra passagem, afirma ainda, referindo-se de novo a Vesálio, desta vez no que respeita aos músculos:

*É isto que nós e os médicos profissionais muitas vezes percebemos. Eis porque Vesálio melhor teria feito neste assunto se recolhesse a sua língua virulenta em vez de aplicá-la, imbuído de falsas razões de Averróis contra Galeno<sup>49</sup>.*

Por seu lado, Vesálio também referiu o trabalho de Amato ainda que tardiamente<sup>50</sup>. O médico e historiador português de medicina Tavares de Sousa conta que Vesálio foi informado por Canano, quando se encontrou com ele em Regensburg (Ratisbona), provavelmente em 1546, que este observara válvulas nos orifícios das veias, capazes de obstarem ao refluxo do sangue. Vesálio não levou, porém, muito a sério essa informação. O certo é que, na edição de 1555, da *Fabrica*, publicada também por Oporinus, fez referência a essas eventuais válvulas sem mencionar nomes de autores. Mas, mais tarde, em *Anatomicarum Gabrielis Fallopii observationum examen Anatomicarum Gabrielis Fallopii observationum*<sup>51</sup>, publicado em Veneza, em 1564, mais conhecido por *Examen*, uma vez que se trata de uma aprecia-

ção, em tom elogioso<sup>52</sup>, da obra de Gabriel Falópio (1523-1562), outro exímio anatomista da época, Vesálio já citou o nome de Amato, revelando que considerava que o português partilhava a opinião de Canano a respeito da existência de válvulas que impediam o refluxo do sangue<sup>53</sup>. A passagem de Vesálio, citada, pela primeira vez, nos anos 50 do século passado, por Leibowitz, após tradução do latim, diz o seguinte:

*Eu deduzi que Amato era da opinião de Canano, e li que ele dependia de Canano no seu próprio julgamento, no fim do seu capítulo, na qual ele contempla a natureza das veias na sua distribuição para este inchaço (ou rubor). Juntei a este relato toleravelmente claro o que pensava se poder saber a respeito destas válvulas (membranas). Não encontrei as válvulas propriamente ditas, mas em todos os orifícios do corpo da veia eu discernei um espessamento notável e um inchaço que deve ser chamado rubor. Este rubor, e não as válvulas, foi visível a todos tal como descrevi.*<sup>54</sup>

Falópio, tal como Vesálio, negava veementemente a existência de válvulas. Tavares de Sousa notou que, quando a existência de válvulas era considerada um absurdo, atribuía-se o erro a Amato, mas, quando se reconhecia a sua presença, mesmo que se não compreendesse a sua função, todo o mérito era de Canano<sup>55</sup>. Modernamente, a primeira referência a essas válvulas é atribuída ao médico francês Charles Estienne (1504-1564), que as mencionou no seu livro *De Dissectione Partium Corporis Humani Libri Tres*<sup>56</sup>, saído em 1545, em Paris, bem antes da primeira *Centúria* de Amato.

A ligação pessoal entre Amato e Vesálio pode também ter acontecido não apenas através do irmão de Vesálio em Ferrara mas também através de Canano: existe registo de algumas visitas de Vesálio e de Falópio a casa de Canano<sup>57</sup>, como foi dito pelo colega de Amato em Ferrara. Em resumo, embora Amato tenha trabalhado muito perto de Pádua, com um irmão de Vesálio e com um interlocutor directo de Vesálio, não se pode dizer que as relações profissionais entre os dois insígnis médicos tenham sido muito amistosas. É notória a enorme diferença de estilos entre Vesálio, um anatomista centrado na imagem médica e na descrição anatómica, e Amato, um clínico prático apaixonado pela descrição de histórias clínicas. Sendo os dois homens do seu tempo, a verdade é que Vesálio foi bem mais longe do que Amato na contestação a Galeno.

84

## Referências de Garcia de Orta a Amato e a Vesálio

Como já foi referido, Portugal desempenhou no século XVI um papel indiscutível no processo de globalização que então se estava a empreender, designadamente ao trazer e divulgar plantas medicinais de paragens remotas. Na mesma época, um outro médico judeu português, Garcia de Orta, que, apesar de provavelmente nunca ter travado conhecimento com Amato, rumou de Lisboa em direcção a Goa no mesmo ano em o médico albicastrense se exilou em Antuérpia, citou Vesálio a propósito da raiz da China, nos seus *Colóquios dos Simples*<sup>58</sup>.

Os *Colóquios* de Garcia de Orta, um livro em forma de diálogo entre Ruano e o próprio Orta publicado, em Goa, em 1563, com um prefácio em forma de poesia do então inteiramente desconhecido Luís de Camões, ocupam hoje um lugar de destaque nas obras sobre matéria médica do Renascimento. Este destaque resulta do poder de observação e do rigor científico dos *Colóquios*, que mais não fazem do que revelar os altos dotes intelectuais do autor<sup>59</sup>. Os *Colóquios* foram uma obra inovadora, que só não conheceu fama mais rápida e ainda maior por ter sido escrita em português e ter sido publicada na Ásia.

Apesar de ter vivido durante a maior parte da sua vida no Oriente, portanto muito afastado dos principais centros de ciência, Orta conhecia bem, graças à sua formação na Península Ibérica, a ciência do seu tempo, tanto o legado dos grandes autores antigos como os trabalhos dos naturalistas seus contemporâneos. Tinha lido os autores gregos e romanos mais importantes, assim como os livros de medicina árabe, e acompanhava com grande curiosidade os autores modernos. Na sua única obra impressa, cita, embora apenas brevemente, Hipócrates; mas, em contrapartida,

refere, a todo o momento, Dioscórides e Plínio, os dois autores clássicos que mais se dedicaram à matéria médica e à botânica<sup>60-61</sup>. O avultado número de reedições e traduções dos *Colóquios*, incluindo as várias que houve em Portugal, mostra bem a projecção mundial conseguida, embora com algum atraso, pela obra de Orta e, consequentemente, a sua influência no estudo das substâncias vegetais, não só no século XVI como nos seguintes<sup>62</sup>.

Escreveu o ilustre médico e botânico lusitano que trabalhou no Hospital Real de Goa, a propósito da raiz da China nos seus *Colóquios* (n.º 47), referindo na mesma frase três sumidades épocas da época, Vesálio, Laguna e Mattioli (Mateolo Senense):

*E destouta raiz da China dizem Vesálio e Laguna muitos males dizendo que é podre e sem virtude esta raiz da China e que custa muito dinheirto, e não tenho que ver com que custe muito ou que custe pouco, nem que seja cara ou barata, antes me parece bem o que diz Mateolo Senense, que basta para esta raiz ser boa mesinha, tomá-la o Imperador Carlos V e aproveitar-lhe.*

Mas Orta só cita nos *Colóquios* (n.º 13) uma vez os escritos de Amato, referindo os seus comentários a Dioscórides a respeito da canela, juntando agora os nomes de Amato, Laguna e Mattioli (isto é, só troca Vesálio por Amato):

### RUANO

Estes físicos letrados Pérsios e Arábios, que curam a esse rei vosso amigo, que tomavam em lugar da cássia?

### ORTA

Canela grossa do Malavar, e eu aporfiava com eles que não lançassem senão canela fina; e eles sem nenhuma razão estavam em sua pertinácia; e o rei os convencia, e era de minha parte. E certo que, tornando a falar na cássia, não posso entender estes modernos escritores; porque uns tem que não há verdadeira cássia línea, e o Menardo diz que sim, isto é, a que vendem nas boticas, chamando-a canela e é cássia: e porém diz este mesmo Menardo que não há verdadeiro cinamomo; e Valério Gordo diz que não ousara dizer tal cousa, isto é, que carecemos do verdadeiro cinamomo, senão que temos algumas espécies dele. Laguna diz, alegando Galeno, que a cássia línea se converte em cinamomo; porém que a ele lhe parece melhor dizer que o cinamomo se converte em cássia línea; porque uma espécie não se pode tornar em outra mais perfeita por tempos, antes noutra menos perfeita. Concertai-me lá estes escritores; e porém eu digo que uma espécie nunca se pode mudar noutra; mas que a boa canela se pode por tempos fazer má, e chamarem-lhe cássia línea; mas não porque a cássia línea e o cinamomo sejam várias espécies, senão são nascidas em diversas terras de uma mesma espécie. Depois Amato Lusitano teve que aviar todas as espécies, e a este imitou Mateolo Senense, com outros alguns; e por derradeiro diz Laguna, que quem for à casa da Índia de Lisboa, achará todas as espécies do cinamomo; mas falando a verdade convosco, eu nunca pude ver mais que duas maneiras ou três dele, que são de uma mesma espécie, isto é, a canela de Java e a de Ceilão, e a do Malavar; e quando Laguna diz que quem for à casa da Índia de Lisboa achará todas as espécies do cinamomo, digo eu que se entende que achará cinamomo bom e corrompido, e achará outro melhor, e outro muito melhor, mas não as cinco espécies distintas, que ele diz.

Não é de admirar o silêncio de Amato sobre Orta, que tinha também estudado em Salamanca, embora iniciando os estudos seis anos depois. Como Orta estava muito distante da Europa, era irremediável que a sua obra chegasse com algum atraso aos principais centros europeus. Ela foi intermediada pela tradução efetuada pelo médico e botânico belga Charles l'Écluse ou Carolus Clusius (1525-1609) do português para latim, publicada em Antuérpia<sup>63</sup>, em 1567, quatro anos depois de ter saído o original (de facto, trata-se, apenas de uma epítome ou resumo), e pela tradução para

castelhano do médico português Cristóvão da Costa (1525-1593), numa edição ilustrada, saída, em Burgos, em 1578<sup>64</sup>. Orta morreu no ano seguinte ao da publicação da tradução de Clusius, que, ao contrário do original, circulou pela Europa.

## Conclusão

Amato Lusitano foi uma figura típica da ciência do Renascimento. Médico culto e cosmopolita abandonou a sua terra natal para percorrer boa parte da Europa, fixando-se durante mais tempo em Itália, onde exerceu a profissão de professor universitário durante sete anos. Foi sobretudo um clínico geral, exímio na observação de histórias de doentes. Conheceu a obra do grande mestre seu contemporâneo Vesálio, com quem pode ter tido contacto pessoal, pois Ferrara era perto de Pádua e um irmão de Vesálio era não só médico como colega de Amato na Universidade de Ferrara. Em Goa, num ponto bem remoto do globo, chegaram as notícias de Amato e de Vesálio. Mas, como era natural, as notícias do Oriente demoraram bastante mais a chegar à Europa, não tendo alcançado nem Vesálio, que faleceu prematuramente num naufrágio no Mediterrâneo, nem Amato, pelo menos a avaliar pelo que sabemos.

## Notas e referências bibliográficas

**Isilda Rodrigues** é professora do Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes Alto Douro, e membro do CIIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativa da Universidade do Porto. E-mail: isilda@utad.pt

**Carlos Fiolhais** é professor do Departamento de Física da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Física Computacional. E-mail: tcarlos@uc.pt

86

- 1 VESALIUS, A. *De Humani Corporis Fabrica Libri Septem* [...]. Basileia: ex officina Ioannis Oporini. 1543. Disponível em: <http://www.vesaliusfabrica.com/en/original-fabrica/the-art-of-the-fabrica/newly-digitized-1543-edition.html>.
- 2 ABREU, J. Os estudos anatômicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 149-172, jul./dez. 2007.
- 3 RODRIGUES, I.; FIOHAIS, C. A Medicina na Universidade de Coimbra no século XVI. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, v. 20, n. 2, p. 435-456, 2013.
- 4 Com o título AMATO LUSITANO. *Index Dioscorides eiusdem Historiales campi, cum expositione Joannis Roderici Castellii albi Lusitani*, 1536. Esta obra encerra conhecimentos botânicos com base na obra do autor greco-latino Dioscórides.
- 5 AMATO LUSITANO. *Centúrias de Curas Mediciniais*. Tradução de Firmino Crespo. Lisboa: CELOM (Centro Editor da Ordem dos Médicos), 2010, III *Centúria*, Cura XLIII, p. 243.
- 6 Idem, 2010.
- 7 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, III *Centúria*, Cura I, p. 161.
- 8 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, V *Centúria*, Cura C, p. 293.
- 9 AMATO LUSITANO, op. cit., 1536, Lib III.
- 10 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, VI *Centúria*, Cura C, p. 163.
- 11 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, I *Centúria*, Cura XI, p. 87.
- 12 CORREIA, Maximínio et al. IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano. Castelo Branco: Estudos de Castelo Branco, 1968.
- 13 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, I *Centúria*, Cura LII, p. 172.
- 14 AMATO LUSITANO, op. cit., 1536, Lib. I.
- 15 Idem, Lib. IV.
- 16 Exemplar consultado na Biblioteca Municipal de Évora. Está prevista a saída, em 2015, de uma tradução em português
- 17 AMATO LUSITANO, op. cit., 1536, *Dioscorides*, Lib. I.
- 18 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, III *Centúria*, Cura LXV, p. 275.
- 19 Idem, II *Centúria*, Cura C, p. 157.
- 20 Idem.
- 21 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, I *Centúria*, Cura XXX, p. 133.
- 22 Propriedades terapêuticas de algumas plantas.



- 23 AMATO LUSITANO, op. cit., 1536, *Dioscorides*, Lib II.
- 24 Ou “azigos”, em grego.
- 25 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, I *Centúria*, Cura LII, p. 169.
- 26 Idem, I *Centúria*, Cura XXXI, p. 134.
- 27 Idem, I *Centúria*, Cura XXI, p. 109.
- 28 Idem, II *Centúria*, Cura I, p. 15.
- 29 Idem, II *Centúria*, Cura XX, p. 51.
- 30 Idem, V *Centúria*, Cura, XXIX, p. 219.
- 31 Idem, II *Centúria*, Cura C, p. 155.
- 32 Idem, II *Centúria*, Cura IX, p. 32.
- 33 Idem, III *Centúria*, Cura LVII, p. 267.
- 34 LOPES DIAS, José. *Dr. João Rodrigues de Castelo Branco – Amato Lusitano. Ensaio Bio-biográfico*. Castelo Branco, 1941, p. 1-18.
- 35 Idem, p 7.
- 36 Idem, p.8.
- 37 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, V *Centúria*, Cura LXX, p. 253.
- 38 RODRIGUES, I. *Amato Lusitano e as suas perturbações sexuais: algumas contribuições para uma nova perspectiva de análise das centúrias de curas medicinais*. 2005. 300 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, f. 104-106.  
Disponível em: [https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/17/1/phd\\_introducoes.pdf](https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/17/1/phd_introducoes.pdf)
- 39 LEIBOWITZ, J. Amatus Lusitanus à Salônica. SIMPÓSIO DE AMATO LUSITANO NO CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA MEDICINA, 1968, Siena (Itália). *Atas...* Siena, 1968, p. 91-116.
- 40 CORREIA, Maximino *et al.*, op. cit., 1968.
- 41 AMATO LUSITANO. *Curarum medicinalium centuriarum septem... quibus praemissa est commentatio de introitu medici ad aegrotantem, deque crisi & diebus decretorijs*. Bordéus: Gilberti Vernoy, 1620.  
Disponível em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=ucm.5327378028>
- 42 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, I *Centúria*, Cura LXI, p. 186.
- 43 Idem.
- 44 Idem, I *Centúria*, Cura LII, p. 171.
- 45 Idem, 2010, I *Centúria*, Cura LII, p.169.  
Segundo Amato devia sangrar-se a veia axilar do mesmo braço onde está a dor.
- 46 RODRIGUES, I. A terapêutica da sífilis e da gonorreia no século XVI. O contributo de Amato Lusitano. *Revista de História de la Medicina y Epistemologia Medica*, v. I, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.historiacienciaytecnologia.com/>.
- 47 AMATO LUSITANO, op. cit., 2010, I *Centúria*, Cura LII, p. 169.
- 48 Idem, I *Centúria*, Cura LII, p. 171.
- 49 Idem, IV *Centúria*, Cura XL, p. 239.
- 50 CORREIA *et al.* op. cit. 1968, p.187
- 51 VESALIUS, A. *Anatomicarum Gabrielis Fallopii observationum examen*, *Anatomicarum Gabrielis Fallopii observationum*. Veneza: Apud Franciscum de Franciscis, Senensem, 1564.
- 52 KICKHOFEL, E. A lição de anatomia de Andreas Vesalius e a ciência moderna. *Scientia studia*, v. 1, n 3, p. 389-404, 2003.
- 52 TAVARES DE SOUSA, A. *Curso de História da Medicina – das origens aos fins do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1996.
- 54 SCULTETUS, A., VILLAVICENCIO, J. L.; NORMAN, M. Facts and fiction surrounding the discovery of the venous valves. *Journal of Vascular Surgery*, v. 33, n. 2, p. 438-441, fev. 2001.
- 55 CORREIA *et al.* op. cit., 1968.
- 56 ESTIENE, C. *De Dissectione Partium Corporis Humani Libri Tres*. Paris: Apud Somonem Colinarum, 1545.  
Disponível em: [http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomies/estienne\\_home.html](http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomies/estienne_home.html)
- 57 <http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-2830900771.html>.
- 58 ORTA, G. *Coloquios dos Simples e Drogas he cousas Mediçinais da Índia e assi dalgúas Erutas Achadas nella onde se tratam Algúas Cousas Tocantes a Medicina, Pratica e outras Cousas Boas, pera Saber*. Impresso em Goa: por Ioannes de endem, 1563. Disponível em: <http://purl.pt/22937>. Há uma edição em *fac-símile* da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, com introdução de Nuno de Sampaio. Existe transcrição em texto integral da edição que o Conde de Ficalho realizou para a Real Academia de Ciências de Lisboa em 1895. [http://archive.org/stream/coloquiosdossimp02ortauoft/coloquiosdossimp02ortauoft\\_djvu.txt](http://archive.org/stream/coloquiosdossimp02ortauoft/coloquiosdossimp02ortauoft_djvu.txt)
- 59 FERNANDES, A. História da Botânica em Portugal até Finais do Século XIX. In: *História e Desenvolvimento e a Ciência em Portugal*. Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1986, p. 852-916.
- 60 Idem.
- 61 HADDAD, T. Um olhar estrangeiro sobre a “etnografia implícita” dos portugueses na Goa quinhentista. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de